

A querela medieval acerca dos universais: entre o realismo, nominalismo e conceptualismo

The medieval dispute about universals: between realism, nominalism and
conceptualism

Danilo Vaz-Curado Ribeiro de Menezes Costa
Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

Gerson Francisco de Arruda Júnior
Universidade do Estado do Amapá, Amapá, Macapá, Brasil

Resumo

As controvérsias lógico-linguísticas ocorridas na Escolástica conduziram os pensadores medievais ao problema filosófico acerca dos universais. O presente artigo tem como objetivo discorrer sobre três das principais respostas dadas a essa controvérsia. Defende-se que a contraposição entre realistas e nominalistas foi o pano de fundo para a posição conceptualista. Para tanto, inicialmente, mostraremos um breve percurso histórico-conceitual do problema; em seguida, descreveremos alguns elementos centrais das soluções apresentadas, a saber, a proposta do realismo e do nominalismo, apresentados na pessoa de Guilherme de Champeaux e de Roscelino, respectivamente, bem como a grande influência que essas soluções exerceram sobre o conceptualismo, representado nesse texto por Aberlato.

Palavras-chave: realismo; nominalismo; conceptualismo; problema dos universais.

Abstract

The logical-linguistic controversies that occurred in the Scholastic period led medieval thinkers to the philosophical problem of universals. This article aims to discuss three of the main responses given to this controversy. It is argued that the opposition between realists and nominalists was the backdrop for the conceptualist position. To this end, we will initially show a brief historical-conceptual trajectory of the problem; then, we will describe some central elements of the solutions presented, namely, the proposal of realism and nominalism, presented in the person of William of Champeaux and Roscelin of Compiègne, respectively, as well as the great influence that these solutions exerted on conceptualism, represented in this text by Aberlato.

Keyword: realism; nominalism; conceptualism; problem of universals.

Informações do artigo

Submetido em 14/07/2025
Aprovado em 17/09/2025
Publicado em 15/10/2025



<https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2025.v25n3.p06-24>



Esta obra está licenciada sob uma licença
Creative Commons CC BY 4.0

Como ser citado (modelo

ABNT)

COSTA, Danilo Vaz-Curado M.; JÚNIOR, Gerson Francisco de Arruda. A querela medieval acerca dos universais entre o realismo, nominalismo e conceptualismo. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 25, n. 3, p. 06-24, set./dez. 2025.

1 INTRODUÇÃO

De um certo ponto de vista, a atividade e prática filosóficas fundamentam-se na capacidade humana de não só tentar resolver problemas conceituais, mas também de elaborar reflexões críticas direcionadas à exposição e elucidação das questões últimas da nossa experiência, cujo objetivo final é o de compreender e entender de modo mais apropriado a realidade. É precisamente nesse horizonte que podemos situar o surgimento do pensar filosófico ocidental como a institucionalização de um método racional e argumentativo voltado à formulação de respostas sistemáticas para problemas conceituais que desafiam a nossa racionalidade

No âmbito da filosofia Escolástica, mais precisamente no período que se inicia no século XII, vários problemas de engenhosa sofisticação conceitual foram pontualmente colocados. Para solucionar tais questões, os intelectuais medievais demandaram grande esforços. Entre tais problematizações, destaca-se a controvérsia em torno dos “universais”, que é, em tese, uma questão de natureza lógica, ontológica, linguística e epistemológica que versa sobre a existência ou não das chamadas essências universais. Esse impasse filosófico despertou amplo interesse e tornou-se foco central das disputas entre as abordagens realistas, nominalistas e conceptualistas.

Se, por um lado, é verdade que, sob diversos aspectos, a querela dos universais já havia sido disputada por filósofos da Antiguidade Clássica¹, por outro lado, “foi no período medieval que o problema dos universais tomou corpo e encontrou sua época áurea de debates”². De fato, e em conformidade com a historiografia especializada³, foi na Idade Média que o problema dos universais

¹ Há de se destacar que não havia, entre os filósofos gregos, nenhuma disputa formal sobre o problema dos universais. Contudo, pode-se enxergar as questões relacionadas a esse problema nas grandes reflexões filosóficas gregas, sobretudo as platônicas e aristotélicas, sobre a essência do Ser.

² LEITE JÚNIOR, Pedro. **O problema dos universais: a perspectiva de Boécio, Abelardo e Ockham**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 10. (Coleção Filosofia).

³ WYCLIF, J. *On Universals (Tractatus deuniversalibus)*. Trad. de A. Kenny. Oxford: Clarendon Press, 1985; SPADE, P. V. (org.). **Five Texts on the Mediaeval Problem of Universals: Porphyry, Boethius, Abelard, Duns Scotus, Ockham**. Translated and edited by Paul Vincent Spade. Indiana: Hacket Publishing Company, 1994; PINZANI, R. **The problem of universals from Boethius to John of Salisbury**. Brill: Leiden-Boston, 2018. LIBERA, Alain de. **La Cuestión De Los Universales - de Platón a Fines de la Edad Media**. Prometeo Libros, 2015. BEUCHOT, Mauricio. **El problema de los universales**. UNAM, 1981.

alcançou seu pleno desenvolvimento teórico e se consolidou como um dos núcleos estruturantes da reflexão escolástica. Nesse sentido, não é descabido defender a ideia segundo a qual a filosofia medieval é essencialmente orientada por essa controvérsia, e, portanto, se caracteriza por ser uma busca persistente e rigorosa por soluções ao impasse teórico representado por esse problema filosófico.

É evidente que tais afirmações não devem ser compreendidas como se a filosofia medieval exclusivamente se reduzisse a essa controvérsia. O que se quer ressaltar de fato é a relevância dessa questão no interior de um quadro mais amplo e complexo de temas filosóficos que ocuparam os intelectuais medievais. Trata-se, portanto, de reconhecer sua centralidade sem negligenciar a diversidade e a complexidade do pensamento escolástico, cujos protagonistas tiveram que se debruçar na tentativa de propor uma solução que respondesse, de modo satisfatório, o problema imposto por essa temática⁴.

Várias foram as soluções medievais dadas ao problema dos universais. No presente texto, consideraremos três das alternativas apresentadas, a saber: a resposta do *realismo*, aqui representado por Guilherme de Champeaux, para quem os universais são substâncias reais; a resposta do *nominalismo*, representado por Roscelino que, em radical oposição à posição realista, negava qualquer possibilidade da existência das essências universais; e, a resposta *conceptualista*, que foi a abordagem assumida por Pedro Abelardo. Antes, porém, de apresentar essas respostas, iremos apresentar um breve panorama histórico do problema dos universais e buscar uma definição para ele.

2 PANORAMA HISTÓRICO-CONCEITUAL DO PROBLEMA DOS UNIVERSAIS

Torna-se inadequado abordar o problema dos universais, bem como as soluções propostas a ele pelos filósofos medievais, sem, ao menos de forma

⁴ Cf. Vide o verbete *Universalien* in RITTER, Joachim Ritter/GRUNDER, Karlfried/GABRIEL, Gottfried (Hg.) **Historisches Wörterbuch der Philosophie online**. Schwabe Verlag 978-3-7965-3736-3

in https://www.schwabeonline.ch/schwabexaveropp/elibrary/start.xav?start=%2F%2F%2A%5B%40attr_id%3D%27hwph_productpage%27%5D#/text/verw.universalien?ts=1751502414940.

Acesso em: 28 maio 2025; e ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. Tradução: Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 981-982.

sucinta, esclarecer a natureza conceitual da questão, assim como apresentar um esboço de sua trajetória histórica e dos principais pontos de seu desenvolvimento ao longo da tradição filosófica.

Conforme anteriormente mencionado, embora determinados aspectos relacionados ao problema dos universais tenham sido discutidos na filosofia antiga, especialmente em Platão e Aristóteles, a apropriada formulação e sistematização dessa questão não se encontra explicitamente apresentada em nenhum dos autores clássicos. Tal formulação só foi estabelecida no final do III século da nossa era, quando Porfírio, um discípulo do neoplatônico Plotino, pontua, estrutura e formula a pergunta pela existência dos universais⁵.

É em sua destacada obra *Isagoge*⁶ que Porfírio lança os fundamentos conceituais que servirão de base para o posterior debate em torno dos universais. Já na introdução desse comentário às *Categorias* de Aristóteles, ele fórmula três questões centrais relativas ao estatuto ontológico dos universais. Essas considerações iniciais apresentadas por Porfírio são, por assim dizer, o ponto de partida de um dos problemas mais emblemáticos e duradouros da escolástica filosófica. Eis a citação⁷:

Antes de mais, no que se refere aos gêneros e às espécies, a questão é saber se eles são realidades em si mesmas, ou apenas simples concepções do intelecto, e, admitindo que sejam realidades substanciais, se são corpóreas ou incorpóreas, se, enfim, são separadas ou se apenas subsistem nos sensíveis e segundo estes.

Ao se entender, como intencionava Porfírio, a expressão “gêneros e espécies” como sinônimos de universais, essa citação resume de maneira simples o que de fato está em jogo nessa controvérsia. Apesar disso, Porfírio não teve a pretensão de oferecer uma solução definitiva à questão, e é somente entre os séculos X e XII que o problema adquire maior relevo como preocupação filosófica. No entanto, antes de adentrar o debate escolástico sobre esse tema, é pertinente destacar a figura de um pensador do século VI, cuja contribuição foi

⁵ Cf. MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. 3. ed. Tradução: Roberto Leal Ferreira e Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 690.

⁶ PORFÍRIO. **Isagoge**. Trad., pref. e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães editores, 1994.

⁷ PORFÍRIO, 1994. p. 50-51.

decisiva para a transmissão e consolidação da problemática dos universais no Ocidente medieval: trata-se de Severino Boécio⁸.

Boécio é, não sem motivos, considerado um pensador negligenciado; contudo, ele desempenha um papel fundamental na gênese das discussões sobre o problema dos universais no contexto de língua latina. Num certo sentido, porque as suas obras foram um tipo de mediação entre a filosofia grega tardia e a pensamento escolástico, é correto considerar Boécio como o último pensador romano e o primeiro pensador escolástico⁹. De um modo bem particular, ele se envolveu com as questões centrais do problema dos universais. Na verdade, foi por meio de sua tradução para o latim¹⁰ do *Isagoge* de Porfírio e dos seus comentários¹¹ a essa obra “que o problema dos universais se difundiu no mundo ocidental”¹². Até onde se sabe, esses trabalhos de Boécio circularam até o início do século XII¹³ como sendo a única fonte de conhecimento da lógica antiga, e são eles que vão constituir o combustível necessário para as discussões sobre o problema.

Um dado que merece destaque nesse contexto é o fato de que, diferentemente de Porfírio, Boécio tentou apresentar uma solução ao problema dos universais¹⁴. Tal solução segue de perto um viés essencialmente aristotélico, negando toda e qualquer possibilidade da existência das substâncias reais universais, como, por exemplo, podemos inferir das teses platônicas. Assim, além de transmitir o problema ao Ocidente, Boécio também ofereceu os

⁸ Sobre a vida de Boécio, Cf. REALI; ANTISERI, 1990, p. 463, 464; BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã**: desde as origens até Nicolau de Cusa. 3. ed. Trad. e nota introdutória de Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 209-210. E quanto à solução dada por ele ao problema dos universais ver: LEITE JÚNIOR, 2001. p. 31-39; BOEHNER; GILSON, 1985. p. 214-216.

⁹ Cf. BAIXAULI, M. Lluch. **La síntesis teológica de Severino Boecio**: sobre los orígenes de la Teología medieval. Pamplona: Universidad de Navarra, 1991. p. 27.

¹⁰ Essa tradução pode ser encontrada em: PORFÍRIO. **Isagoge**. Introd., trad. e notas de Juvino A. Maia Jr. João Pessoa: Ideia, 2022.

¹¹ Quanto a isso, importa notar que Boécio escreveu dois comentários à esta obra: O primeiro deles foi baseado numa tradução do *Isagoge* feita por Mário Vitorino; o segundo, muito mais amplo e extenso que o primeiro, baseado em sua própria tradução.

¹² Cf. LEITE JÚNIOR, *op. cit.*, p. 31.

¹³ Sobre a influência de Boécio em toda a Idade Média, cf. MARENBOON, John. **Boethius**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

¹⁴ Cf. SANTOS, B. S. Os argumentos de Boécio pró e contra dos universais no “segundo comentário à *Isagoge* de Porfírio”. **Síntese**. Belo Horizonte, v. 30, n. 97, p. 187-202, 2003; SILVA, C. L.; CRUZ, M. B. Severino Boécio e o problema dos universais. **Cadernos do PET Filosofia**, v. 6, n. 12, p. 68-75, 2015.

primeiros caminhos para a sua solução¹⁵. Depois dele, o problema dos universais tornar-se-á novamente elemento de discussão nos grandes centros intelectuais a partir do século X, no início da conhecida baixa Idade Média.

3 TENTATIVA DE DEFINIÇÃO DO PROBLEMA DOS UNIVERSAIS

Nos primeiros séculos do período áureo da escolástica, nomeadamente entre os séculos X-XII, os estudos gramaticais passaram a ocupar um lugar de destaque na filosofia, marcando uma transição significativa do paradigma da *auctoritas*, ou seja, da autoridade tradicional – especialmente eclesiástica, para o da *ratio*, isto é, da racionalidade argumentativa¹⁶. Esse deslocamento epistemológico implicou a fragmentação do monopólio interpretativo exercido pelos clérigos e favoreceu, de modo promissor, a emergência de uma abordagem mais independente, autônoma e crítica por parte de pensadores leigos¹⁷.

Essa abertura à reflexão laica, aliada ao progressivo enfraquecimento da autoridade eclesiástica, favoreceu o desenvolvimento dos estudos linguísticos e, com eles, a busca pela compreensão da relação entre linguagem e realidade — notadamente entre os signos (*vocis*) e os referentes (*res*). Tal investigação gerou, no período, implicações profundas e interdisciplinares nos campos da linguística, da teologia, da metafísica e da epistemologia. A partir dessas implicações, torna-se possível vislumbrar um cenário intelectual voltado à análise da essência da realidade, especialmente considerando que os debates em torno da linguagem envolviam questões de natureza ontológica. Nesse contexto, a emergência do problema dos universais revela-se como um desdobramento quase inevitável, uma vez que tal problemática indaga sobre a

¹⁵ Sobre a resposta dada por Boécio ao problema, Cf. BOEHNER; GILSON, *op. cit.*, p. 214 – 216.

¹⁶ Essas expressões indicavam o contraste existente entre o domínio dos Padres da Igreja como os únicos pensadores existentes, e a possibilidade da utilização da razão também pelos leigos. A partir desse duelo, gerou-se uma procura pelos significados dos termos, contribuindo assim, mais na frente, no que conhecemos como o problema dos universais. Para melhores detalhes ler: ABBAGNANO, 1992. v. III, p. 67; REALI; ANTISERI, *op. cit.*, p. 518-519.

¹⁷ É possível que o domínio do pensamento religioso nas áreas intelectuais talvez tenha sido a maior causa do silêncio das discussões do problema dos universais, que, depois de Boécio, só voltou a ser discutido a partir do século X.

realidade ontológica das essências – se estas existem de forma independente ou apenas como construções mentais ou linguísticas.

Desse modo, a controvérsia dos universais – também denominados *noções genéricas*¹⁸ — encontra-se intrinsecamente vinculada ao estatuto ontológico das essências. Em termos técnicos, trata-se de investigar se os universais possuem existência objetiva e independente ou se constituem apenas abstrações mentais derivadas da experiência sensível. Além disso, a problemática se expande ao considerar a natureza da relação entre essas essências universais e os entes particulares, ampliando o debate para além da ontologia, abrangendo também a teoria do conhecimento e os fundamentos da linguagem.

É sob esse prisma que Boehner e Gilson apresentam um resumo esquemático da expressão de Porfírio, anteriormente citada, com o objetivo de facilitar sua compreensão e introduzir, de maneira sistemática, as questões centrais que configuram o problema dos universais. Eles sintetizam o dilema porfiriano em três perguntas fundamentais, que passaram a nortear o debate medieval sobre a ontologia dos universais. Eis as perguntas: (1) Os universais são realidades concretas, ou apenas pensamentos? (2) Caso sejam concretos, admitindo existência real, os universais possuem natureza corpórea ou incorpórea? e ainda, (3) Os universais estão separados das coisas sensíveis ou no interior delas?¹⁹.

A primeira questão discorre sobre se os universais possuem existência objetiva (*in re*), ou se sua existência é meramente conceitual (*in intellectu*); remete-se, portanto, à clássica oposição entre realismo e nominalismo. A segunda questão aborda a natureza dos universais, caso se admita a sua existência. Trata-se de uma distinção crucial para determinar se os universais possuem algum modo de ser que interfira ou transcenda a experiência sensível. Por fim, a terceira questão se propõe investigar o *locus* ontológico dos universais, isto é, se estariam situados nas coisas particulares, em alguma realidade extramental, ou exclusivamente no intelecto humano.

¹⁸ Cf. MORA, 1998, p. 689.

¹⁹ As perguntas, como se encontram no presente texto, foram parafraseadas. Para tê-las na sua origem, Cf. BOEHNER; GILSON, 1985, p. 297-298.

Essas três perguntas, formuladas de maneira aparentemente preliminar por Porfírio, adquirem centralidade nas disputas filosóficas medievais e constituem o núcleo da problemática dos universais. A relevância dessas formulações reside no fato de que elas não apenas delineiam um problema ontológico, mas também condicionam toda uma estrutura epistemológica e linguística subsequente.

Em síntese, o problema dos universais pode ser compreendido como a investigação filosófica acerca da relação ontológica entre as essências universais e os entes concretos da realidade. Trata-se de examinar, sob uma perspectiva metafísica e epistemológica, a correspondência entre os conceitos expressos linguisticamente e os objetos aos quais se referem; entre a linguagem e o mundo; entre o pensamento e o ser; entre as ideias e a realidade empírica. Para esse problema, algumas soluções foram dadas. A seguir, consideraremos três delas.

4 RESPOSTAS MEDIEVAIS AO PROBLEMA DOS UNIVERSAIS

Apresentados, ainda que resumidamente, o panorama histórico-conceitual e uma definição básica do problema dos universais, partiremos para analisar aquelas que, talvez, sejam as mais importantes soluções a esse problema propostas durante a Idade Média. São elas: o *realismo*, o *nominalismo* e o *conceptualismo*.

4.1 A resposta *nominalista* ao problema dos universais

Apesar de ser um movimento muito amplo, atribui-se a Roscelino²⁰ o início do pensamento nominalista no medievo. Em tese, o pressuposto comum de todos os nominalistas é a negação da realidade concreta dos universais.

As raízes mais imediatas do nominalismo se encontram no próprio Porfírio via Boécio que utilizou o termo latino *quinque voces*, literalmente “as cinco vozes” ou “os cinco sons”, ao invés de universal (termo que igualmente não é encontrado em Porfírio) o que impõe desde logo e de imediato um acesso

²⁰ Informações sobre a sua vida e obras de Roscelino, podem ser encontradas em: REALI; ANTISERI, *op. cit.*, p. 521-523; ABBAGNANO, 1992, v. III, p. 70-72.

ou mesmo um olhar “nominalista”, e até mesmo “vocalista” do objeto da investigação sobre a relação entre os *gêneros e as espécies*²¹.

No âmbito da controvérsia medieval acerca dos universais, os defensores do nominalismo sustentavam a impossibilidade de se atribuir qualquer valor ontológico efetivo aos universais. De acordo com essa posição, os universais não são reais, não possuem realidade extramental, tampouco constituem entidades com validade semântica intrínseca ou função predicativa verdadeira quando aplicados à realidade concreta. Antes, os universais são compreendidos como puras “abstrações totais”, como meras construções mentais ou convenções linguísticas, desprovidas de existência objetiva.

Nesse sentido, os nominalistas concebiam os universais como abstrações puramente lógicas ou linguísticas, sem qualquer correspondência ontológica com o mundo real. Todas as entidades existentes são, por definição, singulares e individualizadas; ou seja, a realidade é constituída exclusivamente por particularidades. Consequentemente, o nominalismo afirma a absoluta singularidade do ser: o universal não pode emergir a partir do singular, tampouco ser aplicado a ele de modo ontologicamente significativo.

Convém notar que a própria etimologia do termo nominalismo remete à ideia segundo a qual os universais são apenas nomes (*nomina*), ou ainda, conforme a expressão consagrada por Roscelino de Compiègne, simples “sopros de voz” (*flatus vocis*)²². Nesse entendimento, os termos universais não designam quaisquer realidades autônomas, mas funcionam apenas como instrumentos linguísticos úteis para organizar a maneira como referimos coisas no mundo, sem qualquer fundamento ontológico real. Desse modo, as chamadas “substâncias universais” ou “naturezas comuns” não passam de ficções linguísticas.

Portanto, o nominalismo implica uma inversão da hierarquia ontológica tradicional herdada do realismo platônico e aristotélico, uma vez que estabelece a primazia do particular sobre o universal, promovendo uma visão de mundo na

²¹ Cf., LIBERA, Alain de. **La Cuestión De Los Universales - de Platón a Fines de la Edad Media**. Prometeo Libros, 2015. p. 17-18.

²² Santo Anselmo (1033-1109) considerou Roscelino como um dos dialéticos heréticos, ao apontar que ele acreditava que as substâncias universais não passam de meros sopros de voz (*flatus vocis*). Além disso, o condenou também por ferir a doutrina da Trindade, ao ter afirmado ser ela composta de três deuses individuais. Cf. ABBAGNANO, *op. cit.*, p. 71-72.

qual apenas os indivíduos concretos possuem existência. Todas as generalizações são, nesse contexto, artificiais, derivadas da experiência sensível e sistematizadas pelo intelecto humano unicamente por conveniência discursiva.

4.2 A resposta *realista* ao problema dos universais

Alternativamente à proposta de Roscelino de Compiègne, Guilherme de Champeaux²³ adotou uma postura nitidamente realista, vinculada à tradição platônica²⁴. O realismo, neste contexto, sustenta a tese de que os universais possuem existência ontológica objetiva e independente, ou seja, são *res*, realidades metafísicas que precedem logicamente e ontologicamente os indivíduos particulares.

Objetivamente, inspirado pela metafísica das ideias de Platão, Guilherme de Champeaux argumenta que os universais são essências imutáveis que fundamentam a existência de todas as coisas particulares. De acordo com essa concepção, nenhum ente singular pode ser compreendido de maneira isolada, pois seu ser está enraizado em uma essência universal que lhe confere inteligibilidade e identidade. A realidade concreta das coisas particulares, portanto, é sustentada ontologicamente por essas entidades universais, que existem em si mesmas e não dependem da experiência sensível para sua validade.

Contudo, o realismo de Guilherme não permaneceu imune às críticas. Ao longo do tempo, sua posição foi reformulada em diferentes estágios, refletindo o intenso debate filosófico da época. Uma das críticas mais relevantes dizia respeito à suposta corporeidade dos universais — objeção que Guilherme responde enfatizando que os universais não estão situados no tempo ou no espaço, sendo antes de natureza puramente metafísica, desprovidos de qualquer limitação material ou contingente.

A partir dessas controvérsias, estudiosos identificam três fases distintas no desenvolvimento do pensamento realista de Guilherme de Champeaux. A primeira fase, que é a de um realismo radical ou extremo, se caracteriza por

²³ Para ter informações sobre a vida e obras de Guilherme de Champeaux, ler: REALI; ANTISERI, 1990. p. 520-521; ABBAGNANO, 1992, v. III, p. 73-74.

²⁴ LIBERA, *op. cit.*, p. 144, remete a perspectiva realista ao esquema do Menon de Platão.

defender a ideia segundo a qual a essência universal está presente total e substancialmente em cada indivíduo, sendo as diferenças entre os entes particulares apenas acidentais. Assim, todos os particulares compartilham integralmente a mesma essência universal, distinguindo-se apenas por modificações exteriores e não essenciais, isto é, se diferenciam pelos acidentes. Dito de outra forma, todos os particulares teriam a essência universal da sua realidade de maneira completa e total, diferenciando apenas na forma externa de apresentação. Essa posição, contudo, foi considerada excessivamente rígida, pois implicava uma identidade substancial entre todos os indivíduos de uma mesma espécie.

A segunda fase, que ocorreu após uma polêmica entre Guilherme e o seu aluno Abelardo, e ficou conhecida como realismo moderado, a teoria proposta na primeira fase é reformulada, e os nominalistas passam a sustentar que a essência universal não está mais presente de modo pleno e idêntico em cada ente singular, mas está de forma particularizada em cada indivíduo particular. Os entes individuais, então, compartilham a mesma essência genérica, mas tal essência está individualizada em cada um deles. Ainda se mantém o fundamento ontológico dos universais, porém com maior atenção às diferenças individuais. Numa expressão: o individual possui o universal de forma particular.

Na terceira fase, que, segundo Abbagnano²⁵, só conhecemos através de um fragmento das *Sententiae*²⁶, Guilherme parece abandonar o realismo ontológico, aproximando-se, como veremos, de uma postura conceptualista, postura segundo a qual os universais não existem nas coisas em si, mas apenas como conceitos no intelecto. A essência comum entre os particulares não é mais substancialmente a mesma, mas apenas “semelhante”, representando um grau de generalização intelectual, sem correspondência ontológica direta. Desse modo, a realidade e presença dos universais nas coisas em si é negada, afirmando que eles só existem como conceitos, como ideias, e que se apresentam de forma diferente para cada particular.

A tensão entre essas duas correntes — o realismo de Guilherme de Champeaux e o nominalismo de Roscelino — produziu um intenso debate

²⁵ Cf. ABBAGNANO, 1992, v. III, p. 74.

²⁶ Sobre esse documento, Cf. REALI; ANTISERE, 1990. p. 525-526.

intelectual que teve continuidade nas obras de Pedro Abelardo. Foi justamente a partir dessas controvérsias que Abelardo propôs uma resposta intermediária, articulando uma forma de conceptualismo que buscava preservar a função explicativa dos universais sem, contudo, lhes atribuir existência ontológica independente.

4.3 A resposta conceptualista ao problema dos universais: uma possível síntese entre o nominalismo e realismo

O conceptualismo enquanto resposta ao problema dos universais teve como protagonista principal Pedro Abelardo. Abelardo fora aluno do nominalista Roscelino e do realista Guilherme de Champeaux. Encontrando extremos nos ensinamentos de seus mestres, Abelardo teve uma resposta intermediária entre o realismo e o nominalismo. Essa mediação ficou conhecida como realismo moderado. O entendimento dessas duas correntes, abre caminho para se entender a resposta de Abelardo ao problema dos universais.

É amplamente consensuado entre os estudiosos da história da filosofia, em particular entre os especialistas em filosofia medieval, que Pedro Abelardo desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento intelectual do período escolástico. Para além de sua destacada atuação como docente, Abelardo figura como um dos primeiros grandes mestres da emergente Universidade de Paris, sendo reconhecido tanto por sua erudição quanto pela originalidade metodológica com que abordava os temas filosóficos e teológicos.

Embora muitos, é possível destacar que seu principal legado reside na sistematização de um procedimento racional de investigação, comumente denominado método dialético, também conhecido como método *sic et non* (“sim” e “não”). Esse método consistia na contraposição ordenada de argumentos afirmativos e negativos acerca de uma mesma questão, com o objetivo de examinar de maneira rigorosa as aparentes contradições existentes nas autoridades filosóficas e teológicas. Longe de representar uma mera indecisão, essa dialética investigativa era estruturada em torno da formulação de problemas, isto é, das *quaestiones*, seguidos da exposição de diferentes opiniões e, por fim, de uma tentativa de resolução racional e argumentativa.

Importa notar que essa abordagem é justificada por meio de um princípio epistemológico que viria a marcar profundamente a escolástica, a saber: “A dúvida é o princípio da investigação, e somente pela investigação se chega à verdade”. Essa máxima, que traduz a atitude filosófica fundamental do autor, revela seu compromisso com a razão como instrumento legítimo na busca do conhecimento, inclusive no interior da teologia.

Além de seu método inovador, Abelardo também contribuiu significativamente para o debate ontológico dos universais, propondo uma via conceptualista, segundo a qual os universais existem apenas enquanto conceitos mentais, não possuindo realidade fora do intelecto, mas também não sendo meros nomes vazios, como pretendia o nominalismo. Essa posição intermediária teve profundo impacto nas gerações subsequentes, situando Abelardo como uma figura central na evolução da lógica, da metafísica e da teologia na cristandade latina.

O ponto de partida de Abelardo para a análise da possível existência das essências universais está ligado à dicotomia existente na relação entre a *res* (coisa) e a *vox* (voz). Leite Júnior expressa isso ao citar a seguinte frase de Abelardo: “Uma vez que é certo serem os gêneros e as espécies universais, [...] indagamos se estas se aplicam apenas às palavras (*vox*) ou, também, às coisas (*res*)”²⁷.

Com notável originalidade filosófica, Pedro Abelardo reconfigura a abordagem tradicional do problema dos universais ao deslocá-lo do plano estritamente ontológico-metafísico, no qual predominava a preocupação com a existência real das essências universais (*res*), para o domínio do significado e da linguagem, ou seja, para o campo da semântica. Essa mudança de enfoque representa um marco metodológico na história da filosofia medieval, pois transfere o centro da problemática para a relação entre os termos universais e os indivíduos particulares aos quais esses termos se referem, desvinculando-se, em grande parte, da exigência de atribuir realidade extramental aos universais.

Ao realizar tal deslocamento, Abelardo inaugura uma abordagem conceptualista, distinta tanto do realismo ontológico de Guilherme de Champeaux quanto do nominalismo radical de Roscelino. Em sua concepção,

²⁷ ABELARDO, *apud*. LEITE JÚNIOR, 2001, p. 47.

os universais não são realidades subsistentes fora da mente, tampouco são meras palavras desprovidas de conteúdo. Do seu ponto de vista, os universais são conceitos mentais que emergem da atividade intelectual do sujeito ao abstrair propriedades comuns dos entes particulares. Nesse sentido, os universais existem, mas apenas como construções conceituais, cujo papel é organizar o conhecimento e permitir a comunicação racional sobre a multiplicidade do real.

Esse deslocamento, que irá alicerçar todo pensar abelardiano sobre esse assunto, só foi possível com o resgate da definição de universal dada por Aristóteles. Na *Lógica para Principiantes*, Abelardo escreve, citando Aristóteles: “universal é o que nasceu para ser predicado de muitas coisas”²⁸. Ao defender essa definição aristotélica, Abelardo rompe, ao mesmo tempo, com o nominalismo, ao afirmar a existência dos universais, e com o realismo, ao acreditar que essa existência não se dá no campo ontológico. Numa frase: Abelardo defende a ideia segundo a qual os universais não são uma realidade (*res*), como dizem os realistas, nem mesmo uma simples voz ou um mero nome, como afirmam os nominalistas: o universal é predicado (*vox*) de muitas coisas.

Ao dizer que o universal é *vox*, por meio da predicação, Abelardo precisou explicar o que ele entendia por *vox*. Para ele, *vox* é muito mais do que simples sons: é algo que tem significado, ou seja, é *vox significativa*²⁹, o que ele chamou de *Sermones*³⁰. Nesse sentido, podemos afirmar que, para Abelardo, os universais não existem enquanto realidade metafísico-ontológica, mas também é mais do que um puro nome. Está aqui outra originalidade de Abelardo: a superação do realismo e do nominalismo, pelo conceito de *vox*.

Segundo ele, os universais não podem ser simplesmente uma mera voz (*vox*), nem meros sons vazios, como queriam os nominalistas³¹, por que uma voz já é alguma coisa: é uma realidade, e uma realidade não pode ser predicado

²⁸ ARISTÓTELES, *apud*. ABELARDO, Pedro. **Lógica para principiantes**. Tradução: Ruy Afonso da Costa Nunes. São Paulo: Nova Cultura, 1988. p. 221. (Os Pensadores).

²⁹ Mais detalhes sobre o sentido do termo *vox* em Abelardo, ver: LEITE JÚNIOR, 2001. p. 58-59.

³⁰ *Sermones* é um conceito ou discurso mental que brota do processo de abstração e gera intelecção das coisas, às quais foi vinculada, com a função de significar o *status* comum de pluralidade de sujeitos. Para maiores informações ler: REALI; ANTISERE, 1990, p. 514, 515, 523-525; LEITE JÚNIOR, *op. cit.*, 58, 59.

³¹ *Cf.* RODRIGUES, V. Anselmo, crítico de Roscelino. **Revista Philosophica**, Lisboa, v. 34, 2009.

de outra. Se os nominalistas aceitassem a afirmação de que os universais são vozes, eles estariam confirmando a existência real dos universais.

A solução proposta por Pedro Abelardo ao problema dos universais inscreve-se no âmbito da predicação lógica, estabelecendo uma relação funcional entre os universais e os particulares. Ao invés de situar sua análise na ontologia estrita, tal como fizeram os realistas de orientação platônica, Abelardo propõe uma abordagem que se estrutura a partir da semântica da linguagem, deslocando o eixo do problema da existência para o uso dos termos no discurso racional.

Nesse contexto, Abelardo adota uma posição que pode ser descrita como realismo moderado de cunho conceptualista. Ele sustenta que os universais não possuem realidade substancial ou existência autônoma fora da mente, como queriam os realistas, tampouco são meros nomes arbitrários, como alegavam os nominalistas. Para ele, os universais existem enquanto conceitos mentais dotados de significado e função predicativa, ou seja, sua existência se dá no plano da compreensão lógica. Em outras palavras, eles são abstrações que exprimem propriedades comuns aos particulares e que permitem formular juízos universais.

Assim, os universais existem enquanto significados inteligíveis, no plano, por assim dizer, da *significatio*, sendo válidos enquanto instrumentos do pensamento e da linguagem. Já os indivíduos particulares, isto é, aqueles que são entidades concretas da experiência, existem no plano do *esse*, ou seja, possuem existência real e ontológica no mundo extramental³².

Em síntese, para Abelardo os universais são estruturas lógico-linguísticas – *Sermones* – responsáveis pela mediação da significação entre o mundo das idéias, dos pensamentos, das palavras, dos universais, e o mundo do ser, da realidade, das coisas, do particular. A realidade dos universais está na sua capacidade de ser predicável de muitos sujeitos, não sendo realidades ontológicas, mas apenas existentes na relação semântica de significação.

³² Cf. MORA, 1998, p. 691.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecendo a centralidade e a complexidade do problema dos universais no desenvolvimento da tradição filosófica ocidental, nomeadamente no que diz respeito ao contexto medieval, este artigo procurou oferecer uma introdução crítico-histórico ao tema, delineando seus principais eixos conceituais e as soluções clássicas propostas ao longo da escolástica medieval.

Esse percurso não apenas esclarece os fundamentos das diferentes soluções apresentadas à questão dos universais, mas também evidencia como a reflexão medieval sobre linguagem, pensamento e realidade estabeleceu as bases para o desenvolvimento posterior da lógica, da epistemologia e da filosofia da linguagem na tradição ocidental. Sem a pretensão de esgotar a problemática, foram apresentados os fundamentos teóricos das abordagens mais influentes, notadamente o realismo, o nominalismo e o conceptualismo, situando-os dentro do debate ontológico e lógico que marcou esse período histórico.

Entre as diversas respostas formuladas, conferimos ênfase à contribuição singular de Pedro Abelardo, cuja proposta se distingue pela originalidade metodológica e pela inflexão teórica que introduz no debate. Ao invés de centrar sua análise na ontologia das essências universais, como fizeram os realistas e nominalistas, os quais, como visto, se ocuparam da questão sobre a existência ou inexistência ontológica dos universais, Abelardo realiza um deslocamento significativo ao inscrever a discussão no âmbito da semântica e da teoria da predicação.

Recuperando a definição aristotélica de universal como “aquilo que pode ser predicado de muitos”, Abelardo reformula a questão em termos lógicos e linguísticos. Ele entende os universais não como entidades ontológicas subsistentes, nem como meros vocábulos desprovidos de conteúdo, mas como conceitos mentais dotados de função predicativa que possibilitam a generalização do conhecimento. Essa reformulação introduz uma nova perspectiva, ao privilegiar o papel dos universais como elementos estruturantes do discurso e do pensamento, deslocando o debate do âmbito do *esse* (ser) para o âmbito do *significare* (significar).

Tal reinterpretação caracterizou uma ruptura com as concepções anteriormente estabelecidas e representou um avanço decisivo não só para a resolução do problema no interior da filosofia medieval, mas também para os avanços dos estudos da lógica, da epistemologia e da filosofia da linguagem. Assim sendo, o conceptualismo antecipa, de modo embrionário, preocupações que seriam retomadas em contextos posteriores, inclusive na filosofia moderna e contemporânea, consolidando sua posição como um dos marcos fundamentais na história do pensamento filosófico ocidental.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. Tradução: Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. v. I e III. 4. ed. Tradução: Antônio Borges Coelho. Lisboa: Presença, 1992.

ABELARDO, Pedro. **Lógica para principiantes**. Tradução: Ruy Afonso da Costa Nunes. São Paulo: Nova Cultura, 1988. (Os Pensadores).

BAIXAULI, M. Lluch. **La síntesis teológica de Severino Boecio**: sobre los orígenes de la Teología medieval. Pamplona: Universidad de Navarra, 1991.

BEUCHOT, Mauricio. **El problema de los universales**. UNAM, 1981.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã**: desde as origens até Nicolau de Cusa. 3. ed. Tradução e nota introdutória de Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1985.

LEITE JÚNIOR, Pedro. **O problema dos universais**: a perspectiva de Boécio, Abelardo e Ockham. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 10. (Coleção Filosofia).

LIBERA, Alain de. **La Cuestión De Los Universales**: de Platón a Fines de la Edad Media. Prometeo Libros, 2015.

MARENBNON, John. **Boethius**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. 3. ed. Tradução: Roberto Leal Ferreira e Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PINZANI, R. **The problem of universals from Boethius to John of Salisbury**. Brill: Leiden-Boston, 2018.

PORFÍRIO. **Isagoge**. Introd., tradução e notas de Juvino A. Maia Jr. João Pessoa: Ideia, 2022.

PORFÍRIO. **Isagoge**. Tradução, pref. e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães editores, 1994.

REALI, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: antiguidade e idade média. v. I. 6. ed. São Paulo: Paulus, 1990. (Coleção Filosofia).

RITTER, Joachim Ritter/GRUNDER, Karlfried/GABRIEL, Gottfried (Hg.) **Historisches Wörterbuch der Philosophie online**. Schwabe Verlag 978-3-7965-3736-3.

RODRIGUES, V. Anselmo, crítico de Roscelino. **Revista Philosophica**, Lisboa, v. 34, 2009.

SANTOS, B. S. Os argumentos de Boécio pró e contra dos universais no “segundo comentário à Isagoge de Porfírio”. **Síntese**. Belo Horizonte, v. 30, n. 97, 2003. p. 187-202.

SILVA, C. L.; CRUZ, M. B. Severino Boécio e o problema dos universais. **Cadernos do PET Filosofia**, v. 6, n. 12, p. 68-75, 2015.

SPADE, P. V. (org.). **Five Texts on the Mediaeval Problem of Universals**: Porphyry, Boethius, Abelard, Duns Scotus, Ockham. Translated and edited by Paul Vincent Spade. Indiana: Hackett Publishing Company, 1994.

TILLICH, Paul. **História do pensamento Cristão**. 2. ed. Tradução: Jaci Maraschin. São Paulo: ASTE, 2000.

WYCLIF, J. **On Universals (Tractatus de universalibus)**. Tradução: A. Kenny. Oxford: Clarendon Press, 1985

DADOS DOS AUTORES

Danilo Vaz-Curado Ribeiro de Menezes Costa

Doutor em Filosofia pela UFRGS, Mestre em Filosofia pela UFPE. Atualmente desenvolve pesquisa intitulada *Mente e Realidade: por uma re-habilitação da linguagem ordinária?* no projeto guarda chuva *Normas, Máximas e Ação*. Interessa-se ainda pelas relações entre a lógica e filosofia do real, notadamente, a relação entre a lógica que vai de Aristóteles à Kant e sua recepção por Hegel. Identifica-se ainda de sobremaneira com a filosofia da tradição de C.S.Pierce, P.F. Strawson, Donald Davidson, Wilfrid Sellars, Robert Brandom, John McDowell, Raimo Tuomela entre outros. No direito estuda autores como Henrique Cláudio Lima Vaz, Carl Schmitt, Eric Voegelin, Leo Strauss, Meinecke entre outros. Consultor Ad-Hoc FACEPE. Parecerista UBACYT 2014-2017 e Programación de Proyectos de Investigación UBACYT 2018 Modalidad I, ambos, na Universidade de Buenos Aires no sistema Sisgeva. <https://orcid.org/0000-0002-3048-1701>. Web of Science ResearcherID AAG-9065-2019.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3048-1701>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/308150777738281>

E-mail: danilocostaadv@hotmail.com

Gerson Francisco de Arruda Júnior

Doutor em filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Possui experiência no ensino e na coordenação de cursos de graduação e de pós-graduação. Quanto à pesquisa, interessa-se por temáticas e problemas filosóficos acerca da linguagem e de suas relações com as ações e práxis humanas, tendo orientado alunos de graduação, de especialização, e de mestrado. Atualmente, é professor de Filosofia na Universidade do Estado do Amapá, onde também participa do Grupo de Pesquisa "Ética e Filosofia Política".

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4985-5005>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9697745927271470>

E-mail: gjkoine@yaoo.com.br